

ESCOLA DE HUMANIDADES
CURSO DE ESCRITA CRIATIVA

GABRIELA CUNHA SIMÕES

TRAJETÓRIAS FORÇADAS:

O espaço da temática de imigração ocasionada pela guerra na literatura infantil

Porto Alegre

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

GABRIELA CUNHA SIMÕES

**TRAJETÓRIAS FORÇADAS: O ESPAÇO DA TEMÁTICA DE IMIGRAÇÃO
OCASIONADA PELA GUERRA NA LITERATURA INFANTIL**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Humanidades, Curso de Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Tecnóloga em Escrita Criativa.

Orientadora: Profa. Dra. Janaína de Azevedo Baladão

Porto Alegre

2023

GABRIELA CUNHA SIMÕES

**TRAJETÓRIAS FORÇADAS: O ESPAÇO DA TEMÁTICA DE IMIGRAÇÃO
OCASIONADA PELA GUERRA NA LITERATURA INFANTIL**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Humanidades, Curso de Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Tecnóloga em Escrita Criativa.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Janaína de Azevedo Baladão

Profa. Dra. Ana Maria Coelho Silva Wertheimer

Prof. Dr. Bernardo José de Moraes Bueno

Porto Alegre

2023

A todos que já me presentaram, emprestaram ou leram um livro.

“Levai-me por onde quiserdes/ aprendi com as primaveras a deixar-me cortar/ e a voltar sempre
inteira”.

Cecília Meireles (1945)

Que a gente saiba florir onde a vida
nos plantar.

Autor desconhecido

RESUMO

Posturas xenofóbicas com imigrantes são muito comuns. Não raramente eles são vistos como um problema e como responsáveis pela “crise” que não criaram, seja no país de origem, no de passagem ou no de destino, tal como é explicado no livro *Migrações fronteiriças*, coordenado por Rosana Baeninger e Alejandro Canales (2023). O objetivo central do trabalho, composto de uma produção teórica e de outra criativa, é abordar, analisar e refletir sobre o espaço da temática de imigração ocasionada pela guerra na literatura infantil. Propõe-se, na primeira parte, na forma de um ensaio, a partir do panorama histórico da temática de guerra na literatura infantil presente no estudo de Šubrtová (2009) e dos aspectos de abordagem trazidos na pesquisa de Myers (2009), pensar a necessidade e a forma de apresentar o tema da imigração ocasionada pela guerra para crianças nos dias de hoje. Assim, realiza-se também a análise dos livros *A chegada*, de Shaun Tan (2011), e *A viagem*, de Francesca Sanna (2016). Na segunda parte, chamada de *Haná*, há uma explicação, a partir da bibliografia base, de como compreendo a conceituação de uma narrativa infantil pensada para abordar a temática da imigração forçada pela guerra com as crianças. Além disso, a parte criativa contém uma narrativa infantil cuja temática central, imigração forçada por conta da guerra, é trazida na história de uma menina e a flor que plantou. A criança passa por adversidades, às quais sua planta não resiste, encara um futuro incerto e precisa enxergar esperança nele.

Palavras-chave: Escrita Criativa; Guerra; imigração; literatura infantil; *A chegada*; *A viagem*.

ABSTRACT

Xenophobic practices against immigrants are very common as they're seen as a problem and considered guilty of a crisis they didn't cause on their motherland, on a temporary land or on their final destination, as explained in the book *Migrações Fronteiriças*, coordinated by Rosana Baeninger and Alejandro Canales (2023). The main goal of this paper, that has a theoretical and a creative sections, is to analyze and question the relevance of the "immigration occasioned by war in children's literature" theme. In the first part, based on the history of war in children's literature presented by Šubrtová (2009) in her article and on the aspects of approach brought in the essay written by Myers (2009), this work's purpose is to think about the necessity of speaking about immigration caused by war with children nowadays and how to approach the theme with them. Therefore, an analysis of the book *The arrival*, by Shaun Tan (2011), and *The journey*, by Francesca Sanna (2016), is made. On the second part, named *Haná*, there's an explanation, based on the main bibliography, of how I understand the conceptualization of a children's narrative thought to approach the topic "immigration forced by war" with children. Also, the creative part of this work has a children's narrative, which its main theme, forced displacement occasioned by war, is brought to the reader through the story of a girl and the flower she planted. The child goes through adversities, to which the plant doesn't make through, faces an uncertain future and needs to seek hope upon it.

Keywords: creative writing; war; immigration; children's literature; *The arrival*, *The journey*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- The terror of war	15
Figura 2- Boy in the ambulance	15
Figura 3- Photo of Alan Kurdi	15
Figura 4- O País Antigo	21
Figura 5- O País Novo	22
Figura 6- Reencontro	22
Figura 7- Flashback da menina jovem.....	23
Figura 8- O sapateiro contando sua história	23
Figura 9- A Noite dos Gigantes.....	24
Figura 10- Homens lutando.....	24
Figura 11- Mortos.....	24
Figura 12- Nuvens	25
Figura 13- Emigrantes	25
Figura 14- Trabalho.....	26
Figura 15- Estações	27
Figura 16- Chegada	27
Figura 17- Quarto	27
Figura 18- A Floresta.....	28
Figura 19- Barulhos da floresta.....	29
Figura 20- A guerra levou meu pai.....	29
Figura 21- A viagem ainda não acabou	30
Figura 22- Devíamos nos esconder	30
Figura 23- A guerra apareceu.....	31

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
2 FALANDO DA GUERRA E DA IMIGRAÇÃO FORÇADA	13
2.1 UMA NECESSIDADE QUE SEMPRE EXISTIU.....	16
2.2 COMO ABORDAR A TEMÁTICA.....	19
2.2.1 <i>A chegada</i>	21
2.2.2 <i>A viagem</i>	28
2.2.3 Entre encontros e desencontros	31
3 HANÁ	33
3.1 A SEMENTE	33
3.2 A FLOR	34
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	41

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Dados da ACNUR (2023) coletados até dezembro de 2022 mostram que no Brasil havia 49.630 refugiados devido à grave e generalizada violação de direitos humanos. Falando de uma realidade mais próxima a mim geograficamente, segundo a nota técnica nº 40 da Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão do RS, havia um número significativo de imigrantes residentes-humanitária no Estado entre 2018 e 2020, sendo 2.059 haitianos que, em conjunto aos venezuelanos, são as nacionalidades mais frequentes entre os imigrantes moradores do Rio Grande do Sul até hoje. Não coincidentemente, vê-se um número considerável de imigrantes trabalhando como ambulantes nas ruas do centro da capital.

Frente a esse cenário, imigrantes são frequentemente vistos como responsáveis pela “crise” que não criaram, seja no país de origem, no de passagem ou no de destino, tal como é explicado no livro *Migrações fronteiriças*, coordenado por Rosana Baeninger e Alejandro Canales (2023). Para que isso mude, acredito que se faz necessária uma educação que contextualize a migração dessas pessoas e que desperte empatia pelo próximo. Vejo a literatura infantil como um método eficiente de combate a preconceitos e incitador da fraternização. Portanto, com este trabalho, que se alinha à pesquisa *Narrativas Sensíveis e Outras Histórias*, coordenada pela orientadora deste TCC, busco defender essa minha visão através de exemplos e da minha própria criação literária.

A literatura sempre se mostrou um bom ponto de partida para a reflexão e a abordagem de temáticas difíceis. Sendo assim, cada vez mais tem-se trazido à literatura infantil temas considerados difíceis para tratar com crianças, como a morte, a violência e a guerras e suas consequências. Partindo desse princípio, o presente trabalho, dividido em duas partes, teórica e criativa, tratará dessa necessidade de falar da temática de imigração ocasionada pela guerra com crianças, de como fazer isso através da literatura infantil e de técnicas usadas, que serão analisadas em duas obras: *A chegada*, de Shaun Tan (2011), e *A viagem*, de Francesca Sanna (2016). Sobretudo, para realizar as análises, presentes na parte teórica do trabalho, composta por um ensaio reflexivo, foram utilizados os artigos de Šubrtová (2009) e de Myers (2009). O trabalho de Šubrtová (2009) mostra um panorama histórico da guerra na literatura infantil, enquanto o de Myers (2009) analisa os métodos utilizados por um escritor italiano para abordar a temática em seus livros para crianças.

A parte teórica, chamada de “Falando da guerra e da imigração forçada”, é subdividida em: “Uma necessidade que sempre existiu” e “Como abordar a temática”. A primeira subdivisão traz uma contextualização da guerra nos dias de hoje, principalmente do fácil acesso das crianças ao assunto devido à mídia, além do panorama histórico do artigo de Myers (2009). A segunda é dividida entre as análises separadas de cada livro, *A chegada* e *A viagem*, e uma comparação entre os dois, identificando suas convergências e divergências.

Acho interessante trazer também um pouco do que estava acontecendo no mundo em termos de imigração quando cada livro foi publicado. No site do G1¹, as reportagens sobre o assunto no ano de 2011, quando *A chegada* foi lançado, trazem notícias positivas e negativas. Em janeiro, haitianos chegaram ao Brasil pelo Acre e foram acolhidos pelo governo do estado:

Além de alimento e abrigo, o governo do estado, em parceria com a prefeitura, oferece assistência médica aos recém-chegados. Eles fazem exame para detectar Aids, cólera e outras doenças, além de tomar vacinas contra hepatite, tétano e febre amarela.

No mês seguinte, a temática da imigração foi levada ao Festival de Berlim, no qual a cineasta alemã Yasemin Samdereli, contou as dificuldades de integração dos filhos de imigrantes na sociedade alemã no filme "Almanya". No mês de maio, a comunidade ucraniana comemorou 120 anos de imigração para o Brasil. Em junho, nova lei de imigração na Espanha entrou em vigor, facilitando deportações e punindo ajuda a ilegais, prevendo multas para quem abrigasse ou empregasse imigrantes irregulares. Em julho, algo parecido aconteceu na Noruega, onde controles na fronteira com a Suécia aumentaram, visando combater crime e evitar imigração ilegal, segundo o ministro do país.

Em relação ao ano de lançamento de *A viagem*, em 2016, notícias do mesmo site trouxeram que, em janeiro, o primeiro-ministro da Hungria foi apoiado por alguns países e criticado por outros ao dizer que a União Europeia deveria estabelecer uma barreira nas fronteiras do norte da Grécia, porque um acordo com a Turquia não seria suficiente para impedir que centenas de milhares de imigrantes entrassem na Europa. No mês seguinte, protestos contra imigrantes levaram milhares a ruas da Europa em manifestações organizadas pelo grupo islamofóbico Pegida. Em junho, mês em que se comemora o Dia do Imigrante, a Polícia Federal divulgou que, em 10 anos, número de imigrantes havia aumentado 160% no Brasil. No mês de

¹ g1.globo.com. Acesso em 23 de jun. 2023.

agosto, a Hungria ergueu a segunda cerca em fronteira com a Sérvia para barrar imigrantes e, no mês seguinte, o Reino Unido disse que construiria um muro em Calais com o mesmo objetivo.

Entendo que estas notícias mostram como o preconceito com os imigrantes sempre esteve presente ao redor do mundo, reforçando ainda mais a importância de falar sobre a temática, inclusive com crianças. Embora Shaun Tan (2011) e Francesca Sanna (2016) não tenham se inspirado em uma situação migratória pontual, acredito que ambos os autores sentiram a necessidade de falar da temática não só por se identificarem com ela, mas também por conta de notícias como as citadas anteriormente.

Quanto à parte criativa do trabalho, que leva o nome de *Haná*, apresento uma explicação de como entendo, a partir do que foi estudado, a conceituação de uma narrativa infantil pensada para abordar a temática da imigração forçada pela guerra com as crianças. Em seguida, na parte denominada *A flor*, é apresentada uma amostra da história criada, que é contada com texto e com imagens, além de ter uma proposta lúdica devido ao seu formato circular. A narrativa mostra uma menina, que aprendeu a plantar com sua mãe, cuidando de uma flor e acompanhando-a crescer. Em determinado momento, percebe-se que o local está sob ameaça de bomba e levam a menina, junto a outras crianças, para um lugar considerado seguro. A flor a acompanha, até que este outro lugar é atacado. Embora as crianças tenham permanecido seguras, a flor da menina ficou sob os escombros e a criança precisa encarar um futuro incerto e enxergar esperança nele.

2 FALANDO DA GUERRA E DA IMIGRAÇÃO FORÇADA

Em tempos nos quais notícias e mídias chegam de forma imediata e de fácil acesso em qualquer lugar do mundo, sendo elas verdadeiras ou não, é inegável a necessidade de falar com crianças sobre temas difíceis aos quais elas estão expostas. Uma dessas temáticas sensíveis é a guerra e suas consequências diretas e indiretas, pois ela existiu, existe e afeta a humanidade como um todo. Não sei se alguém é capaz de explicar a guerra, o terrorismo ou qualquer tipo de violência que nos faz questionar se a humanidade existe e se algum dia a paz realmente vai se sobrepor à ganância como um herói que acaba com o vilão. Que mal é esse que nos assola e impede que o bem prevaleça e que os inocentes tenham um “felizes para sempre” como nos contos de fadas?

Primeiro, acredito que a sociedade deve compreender que privar as crianças do problema traz prejuízos, uma vez que é como retirá-las do mundo em que vivem. No meu ponto de vista, negar a situação pode produzir uma perda da consciência da humanidade e, conseqüentemente, contribuir para a formação de seres humanos menos informados e pouco críticos, que não exercerão uma cidadania ativa e consciente. Sobretudo, explicando conflitos atuais, mesmo que superficialmente, e temas que os cercam, como refugiados e atentados, me parece uma deixa para fazer as crianças sentirem-se seguras onde estão, além de conhecerem e compreenderem melhor o mundo. Importante lembrar também que, como dito por Pereira (2003), em seu artigo “As crianças, a guerra e os meios de comunicação”,

as crianças que passam, hoje em dia, muito tempo entregues a si próprias e com poucas oportunidades de interagirem com adultos, de lhes colocar as suas dúvidas, as suas preocupações e ansiedades, estarão, com certeza, mais vulneráveis do que aquelas que dispõem de apoio, de orientação, de mediação.

Quem disse que as crianças não são capazes de compreender o mundo em que vivem? Ao que tudo indica, ninguém é. Então, qual o sentido de privá-las de conhecer uma narrativa verdadeira, sem a certeza de um final feliz? Acredito que nunca se está preparado para encarar a realidade brutal do mundo e, se contamos histórias de situações cruéis e de tragédias para que não se repitam, devemos mostrar às crianças os vilões e monstros reais para que elas sejam as heroínas que lutarão para traçar rumos melhores num futuro que as pertence.

Em fevereiro deste ano, a guerra na Ucrânia completou um ano, considerando o dia em que o país foi invadido pela Rússia. Li em uma reportagem² que a guerra fazia aniversário, mas não me parece correto atribuir uma comemoração feliz a uma situação tão triste. Essa abordagem me lembrou de um vídeo que circulou nas redes sociais, feito pela ONG *Save The Children* no auge da guerra na Síria, que mostrava uma menina soprando as velas do seu bolo de aniversário³. Primeiramente, ela aparecia em uma situação feliz, rodeada de amigos, mas em seguida ela era exposta a várias situações de guerra, como tendo que se proteger de bombas e de conflitos armados. O vídeo terminava com ela novamente soprando as velas no seu aniversário, mas em uma barraca de um abrigo, com uma cara triste e apenas sua mãe cantando os parabéns.

Embora a guerra na Ucrânia seja um conflito mais falado atualmente, há situações similares em outros países, como Síria, Haiti, Congo, Afeganistão e Mianmar. Por conta desses conflitos, o fluxo de migração forçada devido às condições inóspitas aumentou significativamente, conforme base de dados sobre refúgio da Agência da ONU para Refugiados⁴. As pessoas que buscam abrigo em outros países devido a tais situações são chamadas de refugiadas e, por transitarem de maneiras alternativas entre destinos, já que não possuem visto e passaporte para residir em outro país, muitas vezes se colocam em outras situações de risco, que geram a mesma incerteza de futuro que no próprio país. Não é raro muitas famílias se separarem, pessoas ficarem gravemente feridas ou até morrerem durante essa trajetória de migração, sem falar dos traumas psicológicos causados a todos os expostos a tais situações.

Imagens de crianças na guerra costumam tocar as pessoas ao redor do mundo desde que a fotografia passou a registrá-las. Uma foto que ficou muito famosa é a de crianças correndo após um ataque com um explosivo napalm durante a Guerra do Vietnã, tirada por Nick Ut (Figura 1). Exemplos mais recentes são um vídeo de um menino empoeirado após ser retirado dos escombros de um prédio destruído por um bombardeio na Síria (Figura 2) e a foto de um menino que foi encontrado morto em uma praia, com o rosto enterrado na areia (Figura 3). A

² COLEMAN, Alistair; SARDARIZADEH, Shayan. **As teorias da conspiração que dizem que guerra na Ucrânia é falsa.** [S. l.]: BBC News, 28 fev. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cd1ypk44kzpo#:~:text=Guerra%20na%20Ucr%C3%A2nia%3A%20as%20teorias%20da%20conspira%C3%A7%C3%A3o%20que,era%20seu%20s%C3%B3cia%20Alistair%20Coleman%20%26%20Shayan%20Sardarizadeh>. Acesso em: 9 jun. 2023.

³ **If London Were Syria.** Direção: Martin Stirling. [S. l.]: Don't Panic London for Save The Children UK, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RBQ-IoHfimQ>. Acesso em: 9 jun. 2023.

⁴ Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjojZTk3OTdiZjctNGQwOC00Y2FhLTgxYTctNDNIN2ZkNjZmMwViliwidCI6ImU1YzM3OTgxLTY2NjQtNDEzNC04YTJTY1NDNkMmFmODBiZSIsImMiOjh9&pageName=ReportSection>. Acesso em: 9 jun. 2023.

meu ver, essas cenas tocam devido à inocência e à bondade que as crianças simbolizam, além do impacto da guerra sobre elas ficar escancarado.



Figura 1- The terror of war

Apesar de a migração em massa na Europa, ao meu ver, chamar mais atenção da mídia, dados da ACNUR (2023) coletados até dezembro de 2022 mostram que haviam 65.811 pessoas reconhecidas como refugiadas no Brasil, sendo 49.630 delas identificadas como tendo migrado devido à grave e generalizada violação de direitos humanos, definição estendida do termo refugiado, inspirada na declaração de Cartagena de 1984, que abrange violência generalizada, agressão estrangeira, conflitos internos, violação maciça dos direitos humanos ou outras circunstâncias que tenham perturbado gravemente a ordem pública.

A década de 2010 teve uma mudança significativa



Figura 3- Photo of Alan Kurdi

em número e perfil de imigrantes no Brasil.



Figura 2- Boy in the ambulance

Conforme Relatório Executivo do OBMigra de 2021, enquanto em julho de 2010 residiam 592.570 imigrantes no país, sendo a maioria portuguesa ou japonesa, ao final da década estima-se que eram 1,3 milhão, cujas nacionalidades eram em sua maioria haitiana e venezuelana. Quanto aos seus destinos no Brasil, os solicitantes de residência de mais longa permanência e de

residência temporária foram majoritariamente à região sudeste (43,1%), seguida das regiões sul (19,8%) e norte (16,6%). Falando de uma realidade mais próxima a mim geograficamente, segundo a nota técnica nº 40 da Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão do RS, havia um número significativo de imigrantes residentes-humanitária no estado entre 2018 e 2020, sendo 2.059 haitianos que, juntamente aos venezuelanos, são as nacionalidades mais frequentes dentre os imigrantes moradores do Rio Grande do Sul até hoje.

Frente a esse cenário, posturas xenofóbicas com imigrantes são muito comuns e eles são vistos como um problema e como responsáveis pela “crise” que não criaram, seja no país de origem, no de passagem ou no de destino, tal como é explicado no livro *Migrações fronteiriças*, coordenado por Rosana Baeninger e Alejandro Canales (2023). Para que isso mude, acredito

que se faz necessária uma educação que contextualize a migração dessas pessoas e que desperte empatia pelo próximo, como dito por Lopes e colaboradores (2019) no artigo *Editora Pulo do Gato: a abordagem do tema migração em obras de literatura infantil*:

[...] por meio do texto literário pode-se imprimir a narrativa do sujeito que migrou e que sentiu as alegrias e as angústias do migrar, mas também por meio do texto literário aquele que não migrou pode se identificar com o outro e construir em si uma visão empática acerca da sua história.

Essa educação deve vir desde cedo e, portanto, a literatura infantil se mostra um ótimo meio para que esse processo educativo ocorra de forma orgânica e ativa pelo leitor.

2.1 UMA NECESSIDADE QUE SEMPRE EXISTIU

Segundo Šubrtová (2009) em seu artigo “When Children Die In War: Death in War Literature for Children and Youth”, cenas de sofrimento, violência e horror conectadas à guerra aparecem em livros escritos para crianças há pelo menos duzentos anos. No século XIX, a morte era parte natural da vida dos pequenos e já estava presente na literatura destinada a eles. A autora ressalta que, nessa época, cenas de morte continham um significado heroico, mostrando de maneira positiva o ato de morrer por uma causa considerada nobre, como defender seu país. No contexto da guerra, a morte representava a transformação de um menino qualquer em um herói.

Ainda referente à análise de Šubrtová (2009), na primeira parte do século XX, a reação imediata à Primeira Guerra Mundial foi evitar os tópicos guerra e violência. A segunda reação à Guerra foi colocar na literatura personagens crianças como testemunhas ou participantes diretas do conflito. Conhecendo a rivalidade entre o ocidente e o oriente por conta das guerras mundiais, acredito que o viés das histórias variou de país a país, visto que se tomaram lados no confronto e o nacionalismo intensificou-se. Na literatura infantil russa, por exemplo, surgiram cenas mostrando o país com raiva da Guerra, além da aparição direta dos seus efeitos devastadores nas crianças. A morte tornou-se integrante das narrativas desde o início das jornadas das personagens, ao passo que situações desesperadoras surgiam e enfraqueciam seus princípios morais. Um exemplo é uma personagem frente à fome, sendo necessário roubar comida para manter-se viva, que é uma situação comum no Brasil até hoje e gera várias polêmicas sobre o que seria certo e errado. A partir desse contexto da literatura infantil, percebe-se o abandono da inocência por parte das personagens crianças. Sobretudo, fortaleceu o

simbolismo de cargos importantes na guerra assumidos por crianças valentes, acredito que incentivando os leitores a apoiarem seu país a sair vitorioso do conflito ao invés de apenas temer o confronto.

Seguindo a cronologia do artigo de Šubrtová (2009), pós Segunda Guerra Mundial, na segunda parte do século XX, o patriotismo intensificou-se ainda mais na literatura infantil, além de União Soviética e Estados Unidos mostrarem um ao outro como vilões em suas histórias, fomentando a rivalidade entre o oriente e o ocidente. As personagens crianças passaram a representar uma geração com uma nova vida: participando militarmente e pensando e agindo como adultos, suprimindo medo e luto com orgulho. Privadas da infância, as personagens lidaram com coragem frente ao medo e à morte, que, no meu entendimento, vem a ser o reflexo do que as crianças refugiadas enfrentam até hoje. Pôde-se perceber um aumento de livros cujos autores viveram a guerra na infância, tendo em suas narrativas um papel importante da solidariedade, criando barreiras entre o ódio da guerra e a salvação da vida humana. Em sua maioria, estes livros-testemunhos eram diários escritos na época em que seus autores viveram conflitos armados, ou seja, não eram obras pensadas para publicação, como o caso de *O diário de Anne Frank*. Estes diários se tornaram documentos histórica e psicologicamente importantes, mostrando como os autores abandonaram suas vidas cotidianas por conta da guerra e precisaram refugiar-se em abrigos reais e imaginários, criados a partir de suas ideias e memórias, mostrando a fertilidade da imaginação infantil e sua importância para ajudar a passar por dificuldades nessa idade. Aspectos perceptíveis em todas essas histórias são o costume de ter poucos pertences e de se isolar socialmente, como é o caso da maioria dos refugiados, mas sem conseguir lidar com a crueldade da morte, que entendo ser uma dificuldade na sociedade até os dias de hoje.

Na sequência, o artigo trata do fim do século XX e início do XXI, período em que a morte na guerra passou a não representar mais algo heroico, apenas em situações extremas, como uma personagem executada para salvar a vida de outra. Assim, introduziu-se um novo conceito de herói, talvez na tentativa de promover a busca pela paz e pela promoção da vida. Inclusive, personagens soldados começaram a demonstrar aversão a matar, além da tentativa dos autores de retratar a guerra de forma que ela se mostrasse injustificável. Sobretudo, os livros começaram a provocar o leitor a pensar criticamente sobre a guerra, vista na época como um assunto temporal e/ou geograficamente distante dele. Acredito que seja o caso da maioria dos leitores ainda hoje, mas com a diferença da aproximação e alarde causados pela mídia, que passou a aparecer nas histórias também com o desenvolvimento acelerado da tecnologia depois da Segunda Guerra. A morte passou a ser representada indiretamente, como nos livros infantis atuais. Apenas aludida, sua irreversibilidade deveria ser interpretada pelo leitor com base em

sua experiência literária e conhecimento sócio-histórico, além de representada como uma perda que não pode ser compensada por nenhum sentimento de sacrifício nobre. O ponto de vista também foi alterado, a personagem criança adquiriu uma visão de quem não entende a guerra ao seu redor, assim como se percebe nos jovens imigrantes na realidade.

Quanto aos diários recuperados na segunda metade do século XX, houve um processo de estilização desses documentos históricos, mostrando como as crianças, em campos de concentração, por exemplo, escaparam de sua triste realidade pela escrita e pelo desenho, mas expressaram seu medo constante e a incerteza de tudo. Vejo a importância dessa manifestação da realidade e dos nossos sentimentos através da arte e, acredito que quando compartilhada, pode gerar identificação por parte de quem vive ou viveu algo semelhante e despertar a empatia pelo outro. Alinhado a isso, ao saber que foram encontrados diversos registros escritos ou gráficos de crianças que passaram pelas situações de guerra, creio que fica ainda mais notável a necessidade de trazer a temática para leitores jovens, principalmente para que os imigrantes se sintam representados pela literatura também.

Como constatado por Šubrtová (2009), a partir da curiosidade das crianças em museus de guerra, como a vontade de saber a quem os itens expostos pertenciam, surgiram narrativas destinadas a quem não experienciou a maldade e não é capaz de compreender que há falhas na humanidade e no mundo. Nessas histórias, os planos e sonhos das personagens somem de suas vidas e as crianças aparecem como vítimas dos conflitos que frequentemente não são capazes de entender. Compreendo que se passou a utilizar o recurso do eufemismo não para diminuir o impacto causado pela morte, mas para que houvesse um contraste ao tratá-la como sinônimo de vazio, permanente e sem limites. Outros pontos importantes presentes nas histórias que pude perceber através da análise feita por Šubrtová (2009), são o perigo e o medo constantes e a desestabilização, por conta da guerra, dos credos de um mundo em ordem. Não coincidentemente, muitas personagens e autores de diários em tempos de guerra têm forte apego a seus bichos de estimação, pois cuidar deles torna-se uma tentativa de criar um micromundo próprio no qual solidariedade, amor e respeito pela vida de qualquer criatura prosperam.

Em relação ao que vem sendo produzido na contemporaneidade, o artigo de Šubrtová (2009) traz que a literatura infantil sobre guerra tem se mostrado significativamente humanista e pacifista. A morte é vista como absurda e inútil, sendo a individualidade dada a vítimas antes anônimas o que intensifica essa percepção. De minha parte, vejo a literatura infantil que lida com conflitos de guerra recentes dominada pela imagem da criança como um mártir e uma vítima inocente, resgatando os sentimentos trazidos pelas fotografias e vídeos reais de crianças sofrendo as consequências da guerra. O desejo das crianças pela vida e a tenacidade em proteger

a vida de quem amam contrastam agudamente com a vasta destruição em massa e assassinatos da guerra, provocando, a meu ver, uma reflexão não apenas no público-alvo dessas produções literárias, mas em adultos também.

2.2 COMO ABORDAR A TEMÁTICA

Guerra sempre foi um tema central em livros infantis. Batalhas entre o bem e o mal, reais ou imaginárias, são parte fundamental da psique humana e livros que contam com soldados heroicos, armas poderosas e cenas de batalha dão uma leitura emocionante (MYERS, 2009, p. 32)⁵.

Com essa justificativa de que não há como não falar da guerra com as crianças, Lindsay Myers (2009) começa seu artigo “What Do We Tell the Children? War in the Work of Roberto Innocenti”. Em seguida, a autora questiona o que devemos ensinar sobre a guerra: seria suficiente experimentá-la apenas metaforicamente na fantasia para compreender sobre o certo e o errado, a justiça e a opressão, a vitória e a derrota? Ou seria necessário contar histórias reais de guerras reais? Na tentativa de fomentar essas reflexões, Myers (2009) analisa as obras de Roberto Innocenti, vencedor do prêmio Hans Christian Andersen na categoria de ilustrador, que acredita que o acesso à história e ao espaço das crianças nela lhes deveria ser cedido, uma vez que a guerra nunca poupou as crianças e elas podem contribuir valiosamente ao aprendizado com suas experiências. Para realizar a análise, a autora separa quatro aspectos utilizados por Innocenti para realizar uma abordagem interessante e pedagógica sobre a guerra em suas obras.

O primeiro aspecto abordado por Myers (2009) são os detalhes visuais. Ela identifica na obra de Innocenti como ele é capaz de comunicar a verdade da guerra sem alienar seus leitores. A autora também reconhece que há o emprego das mesmas técnicas usadas em quaisquer outros livros infantis, eficazes em prender a atenção do leitor. Por exemplo, diferentemente do público adulto, crianças, em geral, gostam de estudar os detalhes minuciosos das imagens. Dentro do aspecto de detalhes visuais, há diferentes recursos que podem ser usados, como colocar a personagem principal em uma cena com muita informação, fazendo a criança procurá-la, assumindo um papel ativo na leitura. O contrário funciona: cenas com poucos detalhes também surtem efeito no leitor, instigando a curiosidade e encorajando-o a fazer perguntas.

⁵ Tradução livre.

A distância visual é o segundo aspecto trazido pela autora. Esse recurso advém da dificuldade de engajar as crianças leitoras em histórias de guerra por conta do desconforto que o tópico carrega. Dessa forma, distanciar emocionalmente o leitor do assunto é uma boa estratégia a ser aplicada. Um exemplo desse distanciamento é privar o leitor de emoções cruas, como o pesar, a impotência e o ódio, difíceis de serem compreendidas por ele. Ocultar os rostos das personagens passando por alguma dessas emoções é uma maneira de fazer o leitor imaginar a expressão facial e se mostra tão efetiva quanto retratar a emoção diretamente. O momento da morte, principalmente se for violenta, é outro que pode ser ocultado sem prejudicar o seu impacto. Uma estratégia de mostrar a irreversibilidade da perda de alguém é mostrar o que a pessoa deixou para trás, seja família, amigos ou objetos, indo em direção ao que inspirou as obras contemporâneas de guerra para crianças: sua curiosidade em saber a quem os objetos dos museus pertenciam, como dito anteriormente.

Na sequência, Myers (2009) trata das cenas: elas devem ter um sentido como um conjunto e individualmente. Ademais, as ilustrações podem guiar de uma cena a outra e para isso são usados caminhos, trilhos, ruas e rios, que levam adiante tanto o protagonista quanto o leitor, embora não definam o ritmo da história. A velocidade da leitura pode ser orientada pelo terceiro aspecto analisado no texto: pausas visuais. “Congelar” a história quando necessário a torna mais poderosa, uma vez que apenas quando o leitor pausa a leitura para refletir sobre os eventos retratados é que consegue apreciar todo o significado deles. Para fazer essas pausas, de acordo com a pesquisadora, o autor deve apresentar ao menos uma página sem ilustrações ou com foco em algum detalhe da cena que seja cativante, como o olhar de uma personagem.

Por fim, o último recurso analisado pela autora no artigo é o contraste visual. Pensando amplamente, livros focam nas decisões feitas pelas personagens da história e a maioria das dicotomias que elas enfrentam são representadas visualmente por contrastes visuais. Um exemplo aplicado a narrativas de guerra é mostrar sua brutalidade pelo contraste dos seus efeitos com a pulcritude da natureza. Outro exemplo com a natureza é o contraste do seu respeito e sustentabilidade com a invasão e a destrutividade da indústria.

A partir desses recursos imagéticos, pude concluir que ensinar para crianças sobre a guerra não é muito sobre explicar o passado, mas sobre incitar dúvidas, torná-las curiosas e envolvê-las no processo de fazer história, mostrando de maneira tangível sua importância no mundo como propagadoras do respeito, da responsabilidade, da paz e da verdade. Assim, além de leitores críticos, forma-se uma geração que compreende a história e repensa o futuro.

Para analisar os livros *A chegada*, de Shaun Tan (2011), e *A viagem*, de Francesca Sanna (2016), considere os aspectos trazidos por Myers (2009), sendo eles: detalhes visuais, distância

visual, pausas visuais e contraste visual e como eles são aplicados nas duas narrativas. Acho importante adiantar que a primeira obra possui apenas ilustrações e é mais extensa, sendo inclusive dividida em partes, enquanto a outra conta com texto e é mais enxuta.

2.2.1 A chegada

A *chegada*, de autoria do australiano Shaun Tan (2011), é uma história migratória contada em uma série de imagens. Um homem deixa sua esposa e filha, em busca de melhores perspectivas em um país desconhecido. Ele vai para uma cidade desconcertante com costumes diferentes, animais peculiares, curiosos objetos e com um idioma que não compreende. Ele precisa encontrar um lugar para morar, comida suficiente para manter-se vivo e algum tipo de emprego remunerado para adquirir o necessário para sobreviver. Com a ajuda de desconhecidos, que carregam suas próprias histórias de imigração, ele consegue avançar no entendimento dessa nova realidade e, posteriormente, juntar dinheiro para trazer a esposa e a filha para perto. O livro foi premiado como Melhor Livro Ilustrado do ano pelo Children's Book Council, em 2007, recebeu o Hugo Award de Melhor Relato, em 2008, e o troféu Prix BD Angoulême no mesmo ano, o Prêmio FNLIJ, em 2012, na categoria Imagem, e indicação ao troféu HQ Mix – categoria Edição Especial Estrangeira⁶.

Quanto a detalhes visuais, a primeira cena que me chamou atenção foi uma que ocupa duas páginas inteiras, com a cidade vista de cima e um monstro se projetando sobre ela (Figura 4). Na ilustração, é necessário olhar atentamente para identificar a família da personagem principal caminhando na rua, fazendo com que o leitor se envolva na cena e analise cada detalhe.



Figura 4- O País Antigo

⁶ A CHEGADA. SM Educação, 2018. Disponível em: <https://www.smeducacao.com.br/livros/a-chegada/>. Acesso em: 10 jun. 2023.

Outra cena que faz o leitor buscar a personagem principal na imagem é a de quando o homem chega no outro país, em um barco lotado (Figura 5). Essa cena também ocupa duas páginas, tornando-se imersiva. Além disso, não é possível identificar a personagem na multidão, intrigando o leitor, fazendo-o estudar a cena minuciosamente e se questionar onde está o homem.



Figura 5- O País Novo

Ainda sobre detalhes visuais, a cena de chegada da esposa e da filha no novo país, que também ocupa duas páginas inteiras, traz uma perspectiva de distância (Figura 6). Vendo a cena amplamente, mais uma vez o leitor precisa procurar as personagens em meio às informações apresentadas, ainda que sejam poucas, pois a distância deixa os detalhes menores ainda. Isso faz com que o leitor tenha de observar atentamente todos os pequenos detalhes na cena até identificar as personagens abraçadas.

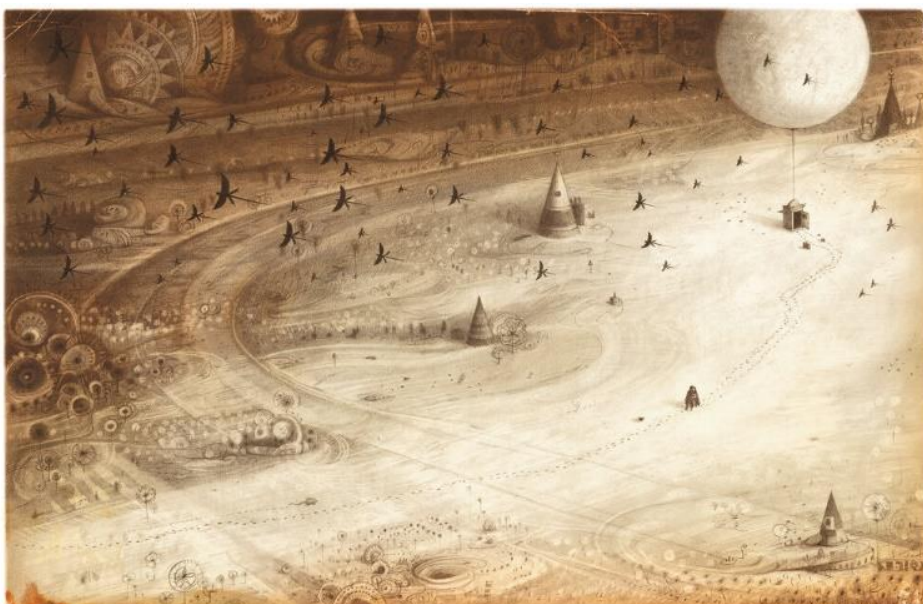


Figura 6- Reencontro

Em relação à distância visual, um exemplo de cena é a que mostra os maus-tratos aos quais uma das imigrantes é submetida, sem apresentar o rosto do agressor e mostrando poucas vezes as expressões nítidas no rosto da menina (Figura 7). Dessa forma, o leitor entende o que está acontecendo e sente o que a personagem está sentindo sem experienciar diretamente as emoções cruas presentes na situação.

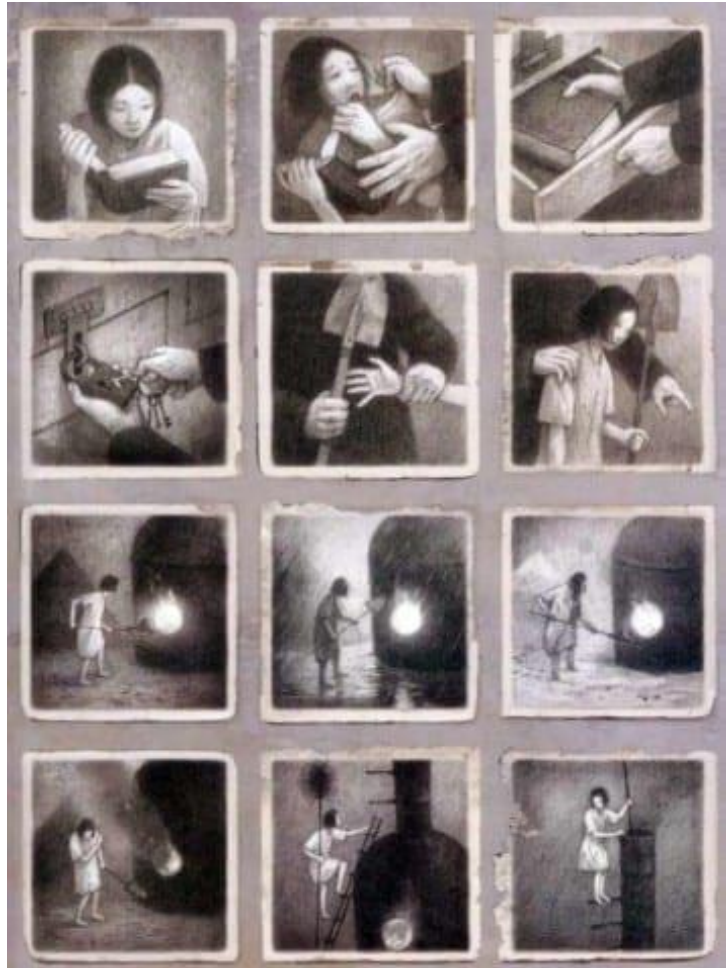


Figura 7- Flashback da menina jovem



Figura 8- O sapateiro contando sua história

Outra aparição da estratégia de distância visual é a última cena antes de um imigrante contar sua história (Figura 8). Ao invés de mostrar ele em meio ao incêndio, Shaun Tan (2011) optou por aproximar o olho do homem e colocar as chamas refletidas nele. Embora na cena seguinte (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**) seja possível ver o incêndio acontecendo, também não aparecem rostos, ocultando as emoções cruas que poderiam ser chocantes ao leitor. Dessa forma, a criança entende o que está acontecendo sem precisar



Figura 9- A Noite dos Gigantes

experienciar diretamente o que as personagens sentiram.



Mais um *flashback* de um dos imigrantes demonstra o bom uso da estratégia da distância visual. Essa estratégia foi utilizada principalmente nas partes de depoimentos dos imigrantes, pois são os momentos em que a guerra e o sofrimento pelos quais passaram aparecem diretamente. Quando o homem que trabalha na fábrica junto à personagem principal conta sua trajetória, aparecem duas cenas de guerra (Figura 10**Erro! Fonte de referência não encontrada.** e Figura

11**Erro! Fonte de referência não encontrada.**) que refletem a tensão e o clima pesado da morte presente na situação, mas mantêm a distância visual por não mostrar as pessoas morrendo nem suas expressões faciais.

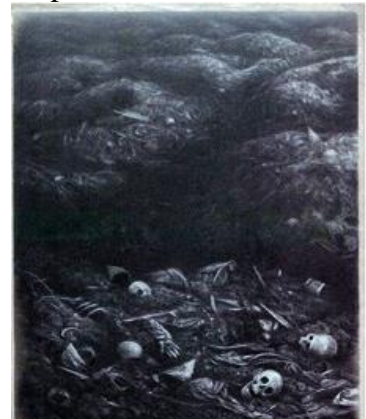


Figura 11- Mortos

Figura 10- Homens lutando

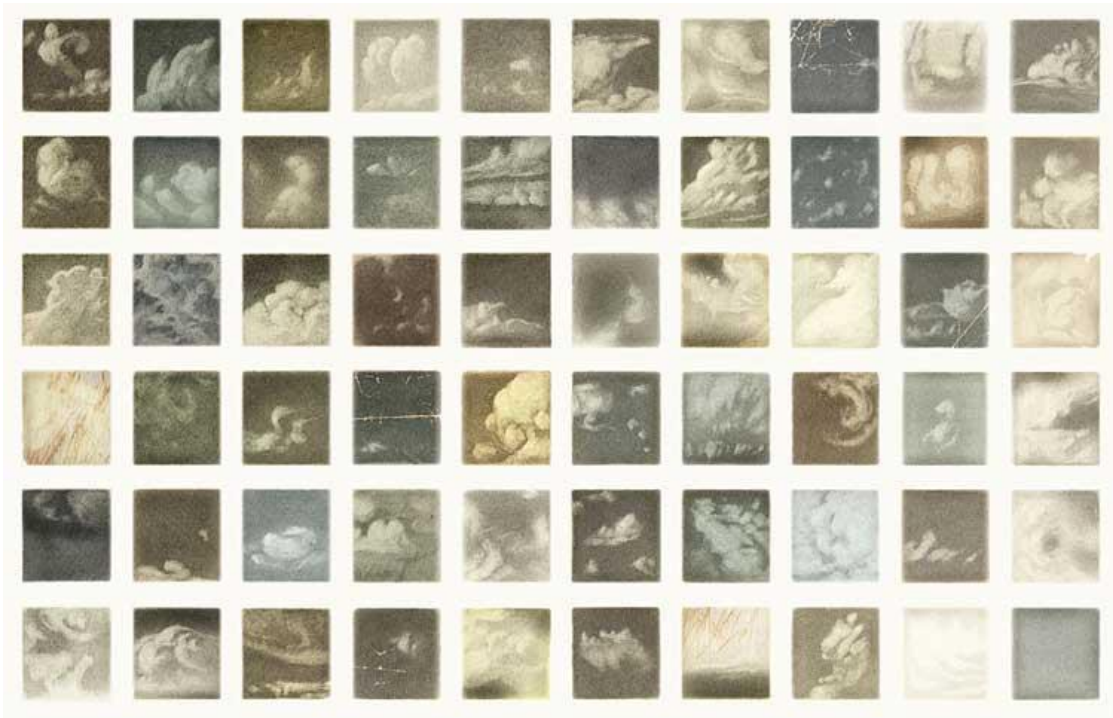


Figura 12- Nuvens

As pausas visuais também são frequentemente utilizadas por Shaun Tan. A sequência de quadros mostrando o céu (Figura 12), ainda na primeira parte do livro, além de representar a passagem do tempo, serve para dar uma pausa visual, de forma que o leitor tire um momento para processar as várias informações das últimas páginas, que, nesse caso, são a contextualização da história e, portanto, densas.

Outro momento de pausa visual é a página com vários quadros mostrando detalhadamente as ações realizadas pelo responsável pela entrada da personagem no país (Figura 13). Além de passar a ideia da demora e da análise minuciosa do processo de imigração, o foco nos pequenos gestos realizados serve como uma pausa na história, visto que não há grandes informações fornecidas. Assim, o leitor é capaz de refletir sobre tudo o que está acontecendo e sobre como a personagem principal deve estar se sentindo em relação a isso.

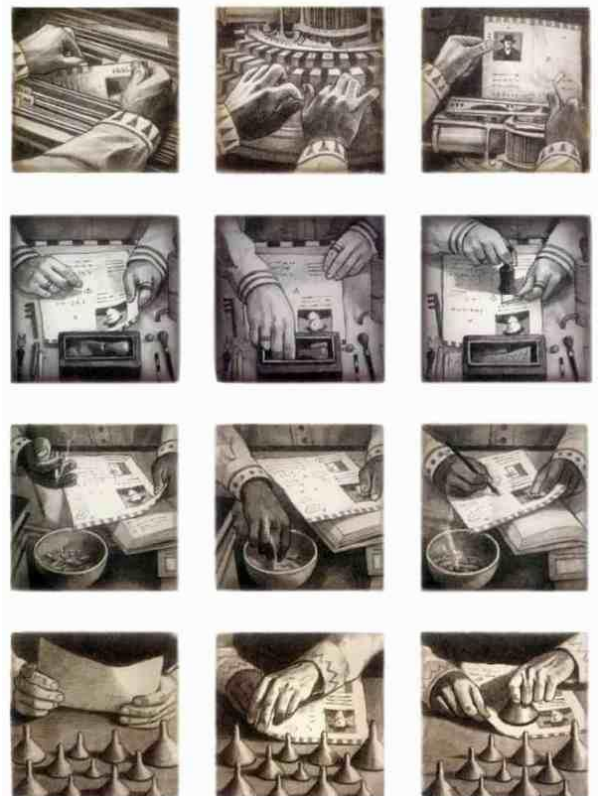


Figura 13- Emigrantes



Figura 14- Trabalho

Seguindo na mesma linha, a página que mostra a personagem trabalhando na fábrica (Figura 14 **Erro! Fonte de referência não encontrada.**) dá uma ideia de ação repetitiva e de passagem do tempo, ao passo que funciona como pausa visual por não apresentar informações novas. Dessa forma, o leitor consegue absorver a situação e as informações maiores presentes nas páginas anteriores.

Mais uma pausa visual que transmite a ideia de passagem do tempo aparece nas páginas em que vemos uma planta nascer, desabrochar e secar até restar apenas seu esqueleto (Figura 15 **Erro! Fonte de referência não encontrada.**). A natureza é uma forma interessante de mostrar a passagem do tempo de forma simples e direta, sem apresentar novas

informações ao leitor e, portanto, servindo como um momento de pausa na narrativa das



personagens para refletir o que aconteceu na história até o momento e pensar no que virá a seguir.

Com relação a contrastes visuais, o recurso também é sabiamente utilizado por Shaun Tan. A cena em que animais brancos surgem sobrevoando o barco (Figura 16) funciona como



Figura 15- Estações

Figura 16- Chegada

simbolismo de esperança, em oposição às cenas anteriores, que são escuras e mostram pessoas tristes. Quando os animais passam, as personagens no barco mudam de expressão, curiosas com o que veem, quebrando a monotonia melancólica na qual estavam.

Um contraste que funciona bem, como dito por Myers (2009), é invasão e a destrutividade da indústria em comparação à natureza e a lugares calmos e aconchegantes.



Quando a personagem principal chega no quarto que alugou (Figura 17), há elementos que remetem à indústria, quebrando com a expectativa do que seria um quarto: um espaço individual com uma cama, onde a pessoa possa se sentir confortável.

2.2.2 A viagem

A *viagem*, de autoria da italiana Francesca Sanna (2016), conta a jornada de uma família em busca de um novo lar depois que seu país é afetado pela guerra. A obra ganhou o prêmio Ezra Jack Keats de novo autor e novo ilustrador, em 2017, além de ter sido considerada um livro infantil notável de 2016 pela *New York Times*, um dos melhores livros infantis de 2016 pela *Wall Street Journal*, um dos melhores livros de 2016 pela *Publisher's Weekly* e recebido outras premiações⁷.

A primeira cena do livro que chama atenção em relação a detalhes visuais é a de quando a mãe e os filhos se deparam com a floresta (Figura 18). Ocupando duas páginas, a cena contém vários detalhes e é apresentada de uma perspectiva que distancia o leitor da situação, fazendo com que ele analise tudo até encontrar as personagens, que se misturam às outras coisas.

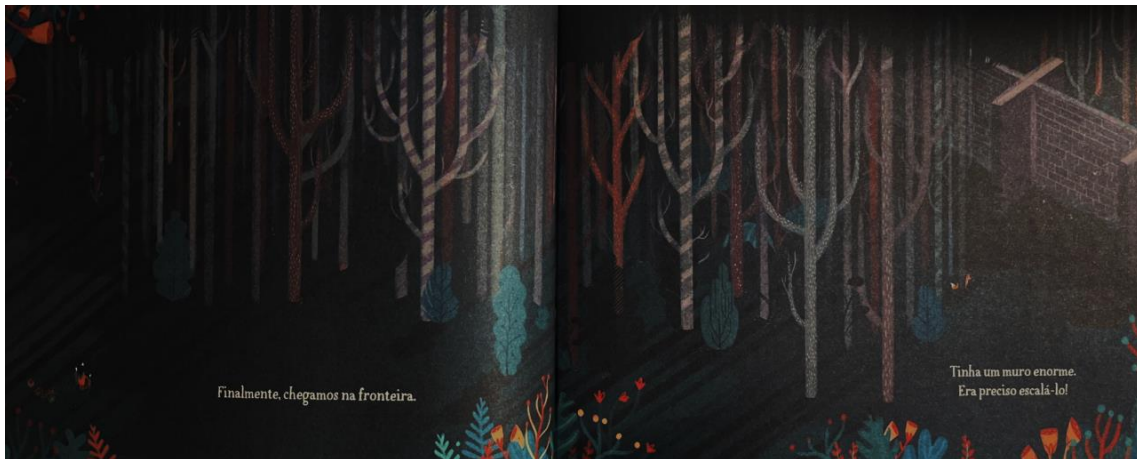


Figura 18- A Floresta

Ainda em relação a detalhes visuais, a sequência de cenas em que a mãe abraça os filhos para que eles durmam na floresta (Figura 19) precisa de bastante atenção por parte do leitor. Há uma mudança de tons das cores entre uma página e outra, mostrando que a noite havia chegado. Além disso, a mudança mais gritante é a expressão no rosto da mãe, seguida dos animais que são substituídos por mãos e olhos vindos do escuro da floresta. A partir desses elementos contrastantes com a narração, o leitor precisa estar atento para interpretar a história, entendendo o que mãe realmente está sentindo, mas que oculta dos filhos, sendo um deles o narrador.

⁷ THE JOURNEY. Francesca Sanna, 2014. Disponível em: <https://francescasanna.com/portfolio/the-journey-2/>. Acesso em: 10 jun. 2023.



Figura 19- Barulhos da floresta

Quanto à distância visual, o recurso é utilizado para falar da morte do pai das crianças. A página aparece com fundo preto e apenas poucos objetos soltos (Figura 20), sinalizando o que o homem deixou para trás ao falecer. A narração diz que a guerra levou o pai, colaborando para a compreensão do contexto, sem a necessidade de dizer e muito menos de ilustrar como o pai morreu na guerra.



Figura 20- A guerra levou meu pai

O recurso de pausa visual também é utilizado, por exemplo, na cena em que a mãe diz às crianças que a viagem deles ainda não acabou (Figura 21), logo após eles cruzarem a fronteira. As personagens aparecem bem pequenas em meio a morros verdes. Assim como elas, o leitor é convidado a contemplar a cena colorida depois de tantas outras escuras e sombrias. Esta cena serve como uma pausa para assimilar que a parte mais difícil da jornada – chegar à fronteira e cruzá-la – passou e ainda há esperança de um futuro bonito.



Figura 21- A viagem ainda não acabou

Ainda na cena dos morros, observa-se o recurso de contraste visual em relação às cenas anteriores. Além das cores em tons claros em oposição ao preto e os tons escuros, a beleza da natureza é uma forma muito utilizada para dar uma sensação de esperança em histórias de guerra, mostrando que, apesar das mortes causadas pelo homem, a Terra gera vida.

Outra parte do livro que apresenta contraste visual usando a natureza como uma beleza frente a uma situação assustadora ou triste é quando as personagens ainda estão a caminho da fronteira. Após verem os gigantes homens de barbas vermelhas, de quem precisam se esconder, as personagens seguem floresta adentro e as crianças reparam em uma pequena lagarta verde, que também representa uma distração da situação amedrontadora pela qual estão passando (Figura 22).



Figura 22- Devíamos nos esconder

Ainda no início do livro, o recurso de contraste visual também é observado na primeira vez que a guerra aparece: como mãos escuras tomando as areias claras da praia (Figura 23). As outras coisas na cena, como pertences e roupas das personagens, são apresentadas em tons pastéis, aludindo à calma que havia sobre a areia anteriormente e que foi cessada pelas mãos obscuras da guerra.



Figura 23- A guerra apareceu

2.2.3 Entre encontros e desencontros

Em busca de livros que me cativassem, cheguei à conclusão de que, na literatura infantil, o que me atraem são as ilustrações. Quanto mais diversos os traços, mais chamam minha atenção. Acredito no poder da ilustração como subtexto e, sobretudo, acredito no potencial do leitor ainda criança. Resolvi, então, buscar por livros com alguma temática difícil, que talvez ninguém saiba explicar, mas que algum ousado tenta trazer às crianças. Assim, cheguei ao tema da guerra. Depois de passar por várias histórias infantis sobre o assunto, me deparei com *A viagem* e *A chegada*. Eu já havia definido meu tema deste trabalho em temáticas de guerra na literatura infantil, mas, quando parei para analisar as obras escolhidas, percebi que eu já havia afunilado o tema: imigração forçada. Acredito que é deste ponto que os encontros e desencontros das narrativas começam.

As personagens centrais das duas histórias pertencem a um núcleo familiar com mãe, pai e filho(s). Talvez o que mais diferencie as abordagens de cada obra é o narrador. Em *A chegada*, embora haja apenas ilustrações, temos um narrador centrado no pai da família, pois acompanhamos apenas a sua trajetória com proximidade. Em *A viagem*, a narração é feita pela filha, ainda que tenhamos uma visão imagética onisciente. Outro ponto em que as obras diferem quanto à narração pelas ilustrações é que, em *A viagem*, algumas cenas mostram elementos que não são reais, como quando a mãe está conversando com uma amiga e há um balão de fala com desenhos. Em *A chegada*, vemos apenas o que existe, como expressões faciais e gestos para mostrar que as personagens estão falando. Quanto ao traço das ilustrações, *A chegada* é bem mais realista, embora seja uma história cheia de elementos fantasiosos. As cores também são outra diferença entre os livros: enquanto *A chegada* tem apenas tons de sépia, *A viagem* conta com imagens bem coloridas, inclusive utilizando as cores e os tons como recursos visuais de

contraste. Por conta disso, pode-se dizer que *A chegada* tem uma proposta mais intrigante, tentando chamar o leitor pelo seu aspecto de antigo e misterioso, contando com a personagem central encarando um animal estranho na capa. Por outro lado, *A viagem* tem uma proposta mais alegre, talvez por querer atingir um público mais jovem, pois é uma narrativa menos extensa.

Como nos diários de guerra, *A chegada* e *A viagem* mostram a propensão das pessoas em ter animais de estimação em tempos difíceis para, provavelmente, entre outras explicações, criar uma sensação de mundo próprio que são capazes de controlar. Em *A chegada*, o animal é que encontra a personagem que passa a cuidar dele, inclusive por ser uma companhia em um momento de muita solidão sem sua família e sem conseguir se comunicar direito com os outros ao seu redor. Em *A viagem*, há apenas uma cena em que as crianças se despedem de seu gato.

A semelhança entre as obras é também que as narrativas vão ao encontro de histórias reais de guerra, visto que ambos os autores já falaram que se inspiraram em trajetórias de imigrantes com quem conversaram. Shaun Tan (2023) disse que se baseou, em primeiro momento, no seu pai, que migrou da Malásia para a Austrália, e a partir daí fez um estudo mais denso sobre os imigrantes asiáticos no país da Oceania. Francesca Sanna nasceu na Itália, já morou na Alemanha e, atualmente, mora na Suíça. Em nota (2023), disse que concebeu esta obra após conversar com refugiados e notar a força de suas histórias, bem como a incrível bravura dessas pessoas.

Entre encontros e desencontros, recursos e ilustrações, *A chegada* e *A viagem* são duas obras premiadas que foram inspiradas em narrativas reais, mesmo que não em uma história específica. Sendo ou tendo contato próximo com imigrantes, os autores trazem com leveza uma temática muito presente nos dias de hoje e que precisa ser apresentada às crianças. *A chegada* mostra muitas dificuldades pelas quais os imigrantes passam em busca de um “final feliz” e as personagens do livro, de certa forma, conseguem desfrutar desse contexto. Em *A viagem*, além das dificuldades dos imigrantes, a narrativa mostra que é possível ter um olhar esperançoso e bonito sobre o mundo mesmo em meio à incerteza. Esse ponto de vista talvez more nas crianças e devemos aprender essa forma de resiliência com a inocência delas. Mesmo sem saber como vai ser o final das personagens, ao terminar a leitura de *A viagem*, bem como de *A chegada*, desperta-se um sentimento de empatia muito forte com os imigrantes e é por meio dessa capacidade de tocar o outro que a literatura transforma as pessoas que vão transformar o mundo.

3 HANÁ

Antes de apresentar a narrativa desenvolvida, achei importante conceituar como se deu a construção dela. Assim, esta primeira parte se chama *A semente*, remetendo ao início de uma ideia que foi plantada, semeada e cresceu até se tornar uma flor, que dá nome à parte com a amostra da narrativa desenvolvida.

3.1 A SEMENTE

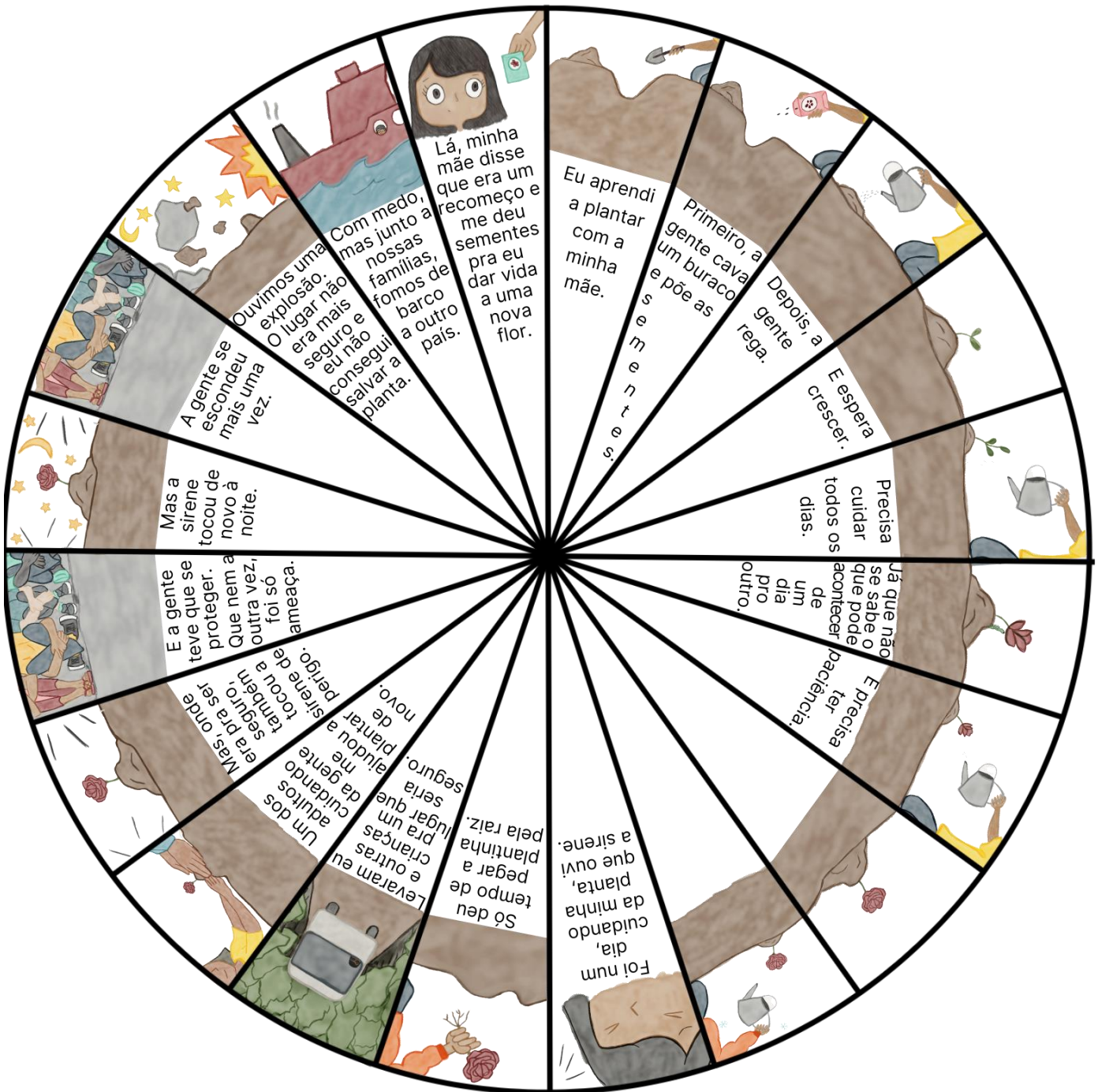
Talvez a vida possa ser grosseiramente resumida em distâncias e migrações. Vamos de uma fase metafórica a outra sem fisicamente sair do lugar. Sentimos saudades de pessoas, de lugares, de idos tempos. Seguimos para a próxima inevitável fase, que nos separa das pessoas em tempos e distâncias. E a gente se adapta, porque não tem escolha. A gente não é como as ondas do mar que vêm e vão numa sequência ritmada que provoca um som relaxante. A gente é mar inteiro, com turbulências e mistérios. A vida é migrar de uma fase a outra. E cada final de ciclo é o início de outro. A partir desse pensamento, idealizei uma narrativa cujo fim poderia significar um novo começo e, remetendo a um ciclo, o final da história pudesse remeter ao seu recomeço. Concluí que, além de tornar o livro mais interativo, ele deveria ter um formato circular para concretizar o conceito. Ademais, o que mais me lembra da representação de um ciclo é a natureza, então centrei a minha história em uma personagem que acompanha a semente que plantou crescer, até que precisa migrar e, em outro lugar, decide reiniciar o processo e plantar outra semente. Consequentemente, pensei em um título relacionado a uma flor.

Visto que a maioria das guerras dos últimos dez anos ocorreu no Oriente, resolvi que o título, além de remeter a flor, seria em alguma língua oriental. Por questões estéticas, optei pelo japonês. Pesquisando, cheguei em “Hana”, que significa flor em japonês, mas, para que fosse pronunciado corretamente, achei que seria interessante colocar o acento no final, ficando com “Haná”.

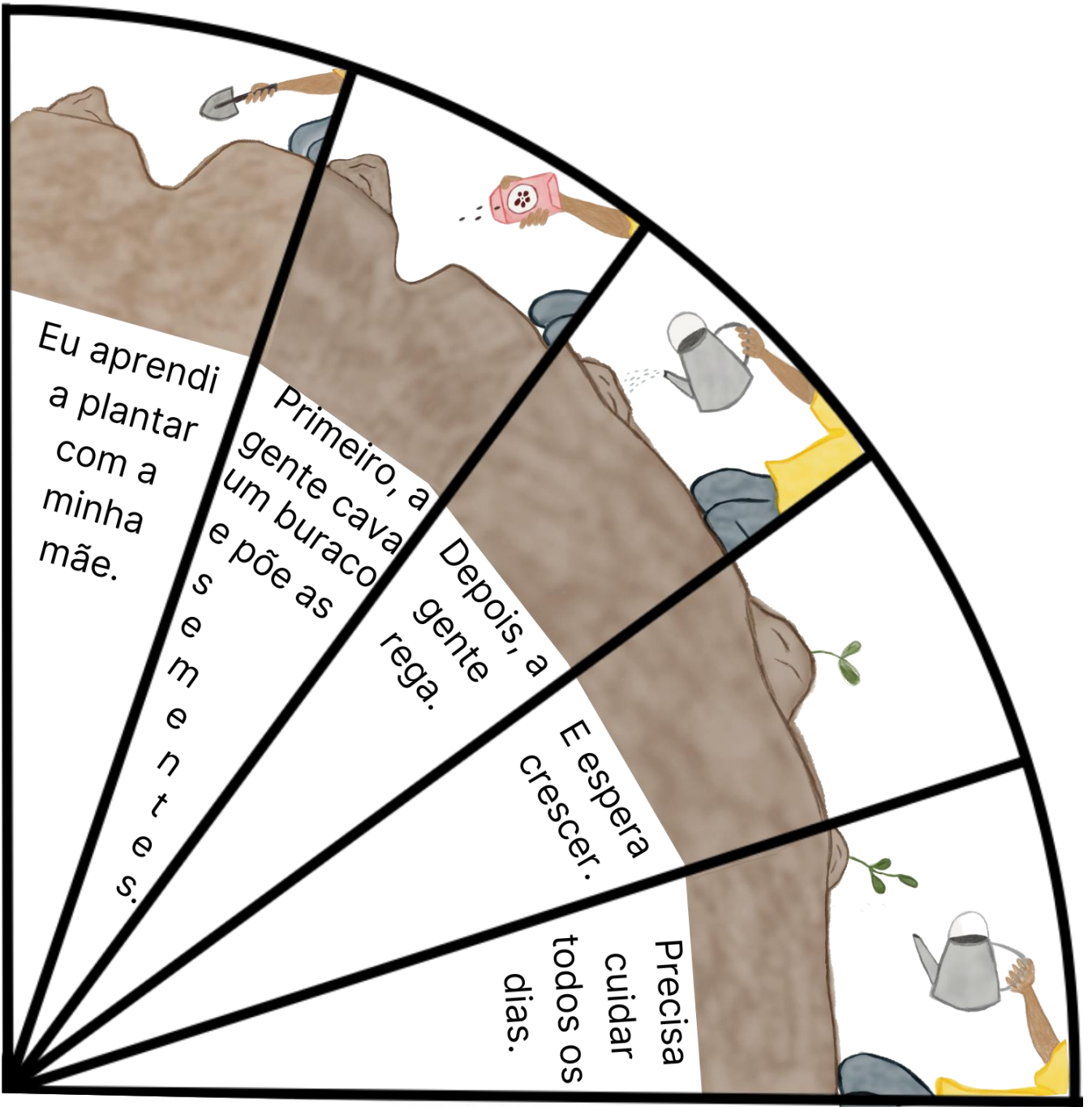
Em relação à temática da migração forçada pela guerra, fiz uso dos aspectos analisados por Myers (2009) para fornecer uma boa abordagem ao leitor. Além disso, pensei que as imagens dispostas no círculo poderiam estar cobertas por um desenho semelhante a um mapa-múndi. Assim, quando a criança girar o mapa, além de revelar a próxima página da história, também haverá a sensação de locomoção no planeta.

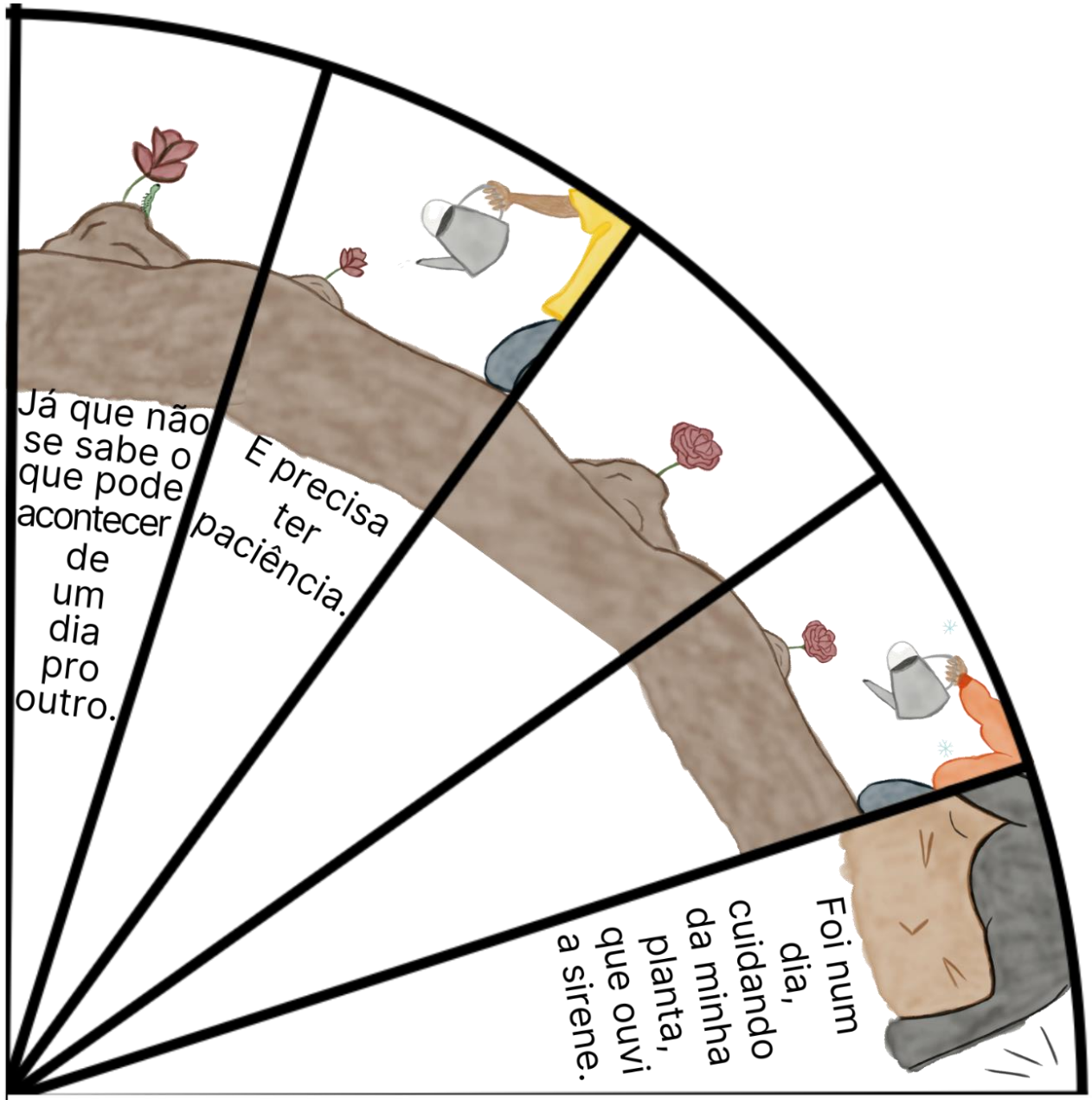
Quanto às ilustrações, por mais que eu goste de desenhar, sinto que ainda não tenho a técnica necessária para produzir um livro como *A chegada*, composto apenas por imagens. Por isso, para que a minha narrativa pudesse ser compreendida no todo, optei por utilizar o texto junto às ilustrações, como em *A viagem*.

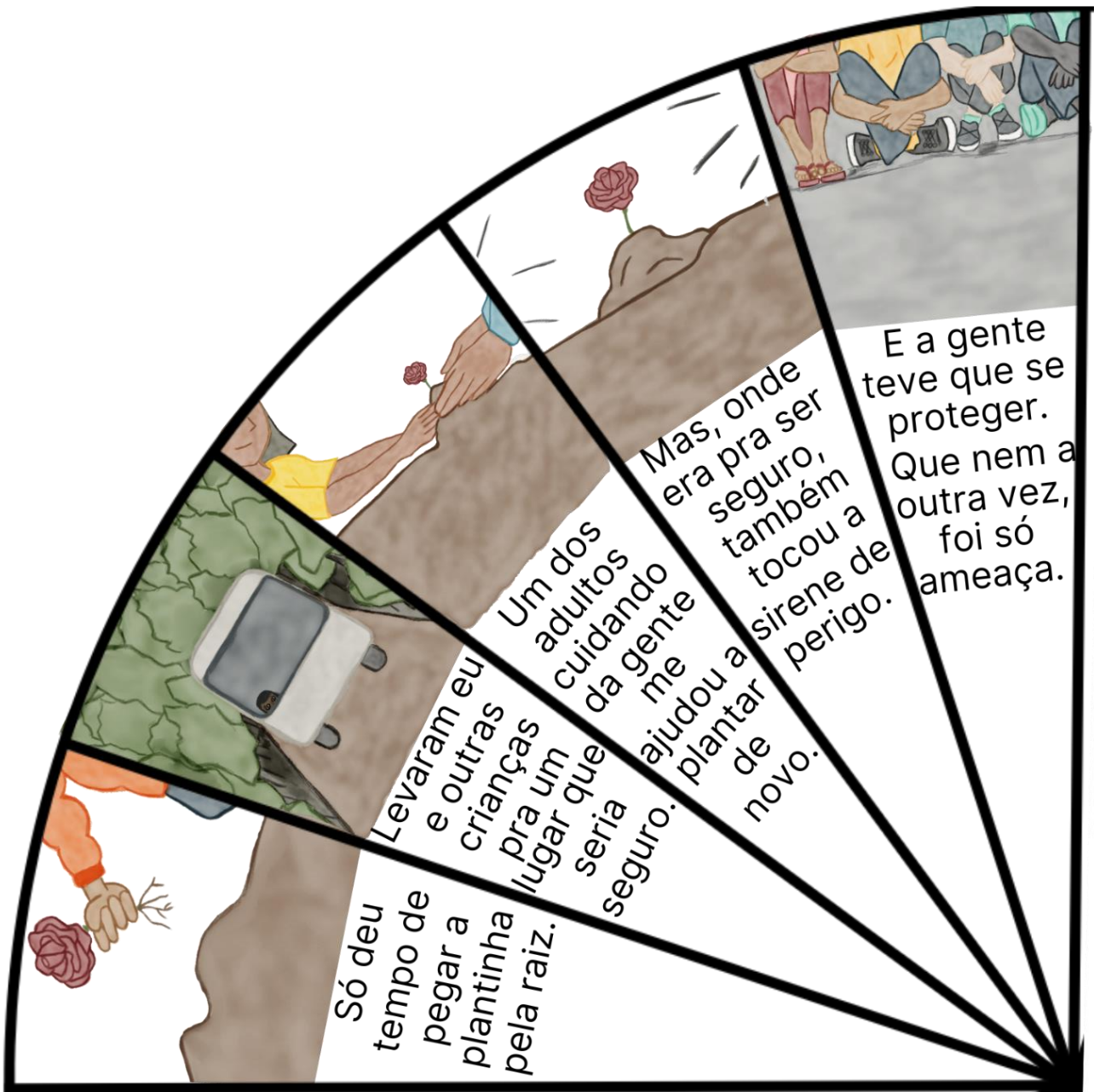
3.2 A FLOR

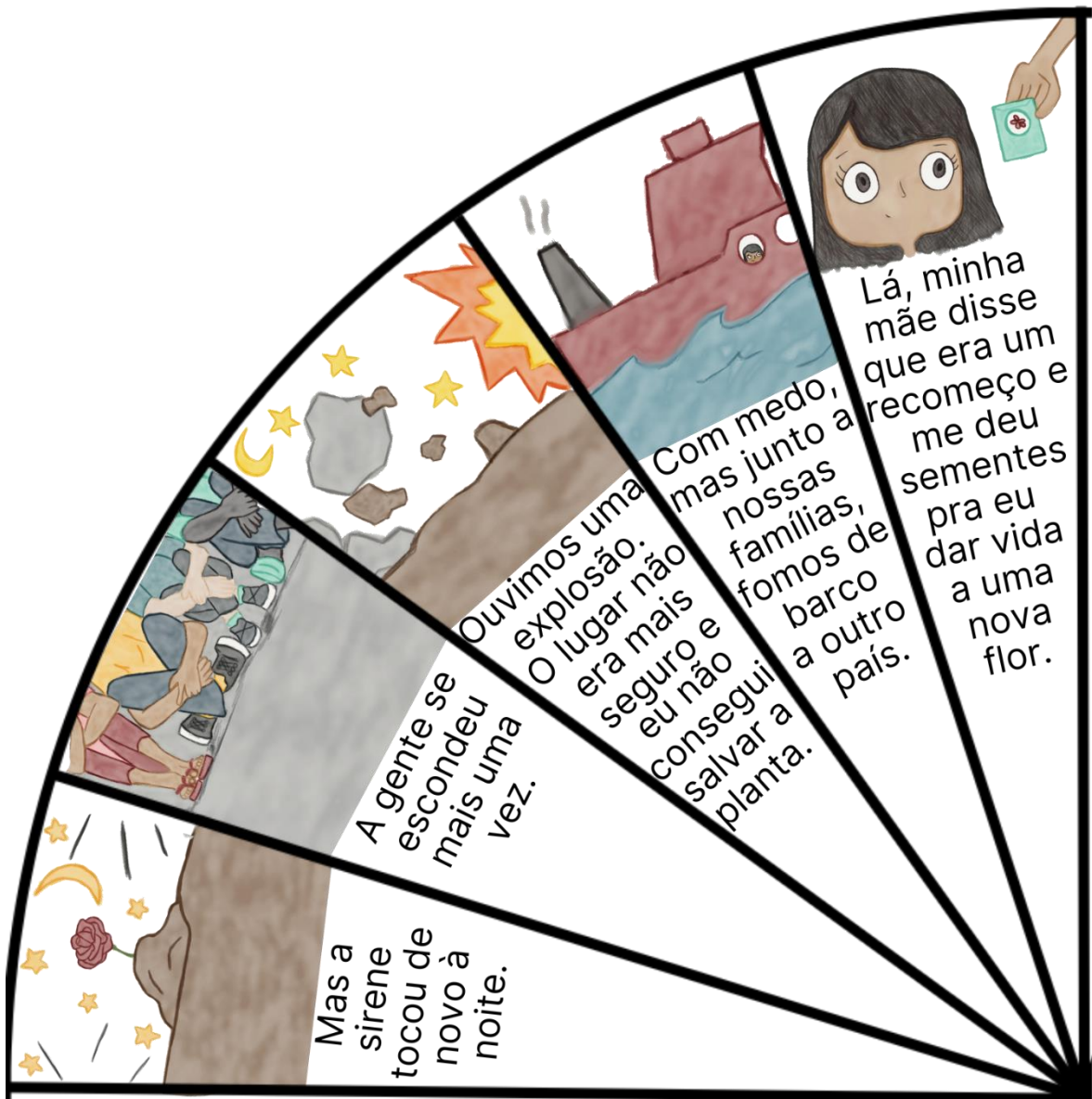












4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O crescente número de imigrantes que deixou seu país de origem por conta de conflitos armados tem chamado atenção na mídia desde a invasão da Ucrânia pelos russos em 2022. Embora esta situação esteja distante do Brasil geográfica e politicamente, diversos casos semelhantes de imigração ocorrem no nosso país, principalmente na última década, como pôde-se concluir com as pesquisas realizadas em fontes como OBMigra (2021) e ACNUR (2023). Dessa forma, a relevância do tema de pesquisa escolhido se justifica pela realidade em que vivemos, na qual há cada vez mais refugiados de guerra e um compartilhamento cada vez mais rápido dessas informações na internet, que são de fácil acesso às crianças.

Pensando no questionamento referido no título deste trabalho – o espaço da temática de imigração ocasionada pela guerra na literatura infantil –, percebe-se, segundo Myers (2009), que a morte na guerra é um assunto que está presente nos livros para crianças há pelo menos 200 anos. Quanto à questão mais específica dos imigrantes, é importante lembrar que, como dito por Lopes e colaboradores (2019), a literatura tem uma importância social e, portanto, o poder de sensibilizar o leitor acerca da temática e de fazê-lo refletir sobre esse fenômeno mundial. Assim, por mais que alguns assuntos ainda sejam considerados tabus de se falar com crianças, vejo a necessidade de tratá-las como participantes da sociedade na qual convivem com determinadas situações difíceis, assim como todos nós e, portanto, merecem a oportunidade de diálogo para que compreendam o mundo em que vivem.

A partir do estudo aprofundado nos artigos de Myers (2009) e de Šubrtová (2009), foi possível compreender que tratar a temática de imigração ocasionada pela guerra na literatura infantil é tão possível quanto necessário. Posteriormente, consegui ver na prática a forma que Shaun Tan (2011) e Francesca Sanna (2016) utilizaram recursos citados nos artigos para contar suas histórias. Com esses exemplos também pude compreender melhor como eu poderia contar a minha narrativa inventada sobre a temática. Acredito que *Haná* ainda precisa passar por algumas revisões de texto, além de ser necessário um estudo de viabilidade quanto ao formato circular com uma parte giratória. Contudo, entendo que o projeto tem potencial para contribuir positivamente no cenário da literatura infantil ao introduzir a temática da imigração forçada por conta da guerra de forma lúdica e com uma abordagem pensada para o público.

REFERÊNCIAS

A CHEGADA. SM Educação, 2018. Disponível em: <https://www.smeducacao.com.br/livros/a-chegada/>. Acesso em: 10 jun. 2023.

BOY in the ambulance. Aleppo, Síria: Aleppo Media Center, 2016. Disponível em: https://www.facebook.com/AleppoAMCen/videos/805156366287739?locale=pt_BR. Acesso em: 9 jun. 2023.

CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T.; SILVA, B. G. **Imigração e refúgio no Brasil: Retratos da década de 2010**. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração

COLEMAN, Alistair; SARDARIZADEH, Shayan. **As teorias da conspiração que dizem que guerra na Ucrânia é falsa**. [S. l.]: BBC News, 28 fev. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cd1ypk44kzpo#:~:text=Guerra%20na%20Ucr%C3%A2nia%3A%20as%20teorias%20da%20conspira%C3%A7%C3%A3o%20que,era%20seu%20s%C3%B3cia%20Alistair%20Coleman%20%26%20Shayan%20Sardarizadeh>. Acesso em: 9 jun. 2023.

DECISÕES de mérito. In: **Painel interativo de decisões sobre refúgio no Brasil**. [S. l.]: UNHCR ACNUR, 2 jan. 2023. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiZTk3OTdiZjctNGQwOC00Y2FhLTgxYTctNDNIN2ZkNjZmMwVlliwidCI6ImU1YzZM3OTgxLTY2NjQtNDEzNC04YTBJLTY1NDNkMmFmODBiZSIsImMiOjh9&pageName=ReportSection>. Acesso em: 9 jun. 2023.

DEMIR, Nilüfer. **Photo of Alan Kurdi**. Bodrum, Turquia, 7 set. 2015. fotografia. Disponível em: <https://english.alarabiya.net/perspective/features/2015/09/03/Photo-of-drowned-Syrian-child-among-images-that-shook-the-world->. Acesso em: 9 jun. 2023.

DIONÍSIO, Bibiana. Comunidade ucraniana comemora 120 anos de imigração para o Brasil. G1, [s. l.], 22 maio 2011. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2011/05/comunidade-ucraniana-comemora-120-anos-de-imigracao-para-o-brasil.html>. Acesso em: 24 jun. 2023.

FRANK, A. O diário de Anne Frank. Edição integral. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2000.

HUNGRIA erguerá 2ª cerca em fronteira com Sérvia para barrar imigrantes. Reuters, [s. l.], 26 ago. 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/08/hungria-erguera-2-cerca-em-fronteira-com-servia-para-barrar-imigrantes.html>. Acesso em: 24 jun. 2023.

IF London Were Syria. Direção: Martin Stirling. [S. l.]: Don't Panic London for Save The Children UK, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RBQ-IoHfimQ>. Acesso em: 9 jun. 2023.

LABORAL. Brasília, DF: OBMigra, 2021.

LOPES, Ma. Lorena Poliana Silva; BADARÓ, Ma. Carolina Nascimento Paschoal; CORREIO, Renata Alves Pires. Editora Pulo do Gato: a abordagem do tema migração em

obras de literatura infantil. *Afluente: revista de letras e linguística*, Bacabal, v. 4, ed. 13, p. 54-73, set. 2019.

MARQUES, Célia; BASTOS, Glória. A EDUCAÇÃO INTERCULTURAL E A LITERATURA INFANTIL: PERSPETIVAS E PRÁTICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL. In: CONGRESSO SPCE, XIII., 2016, Viseu. ATAS XIII Congresso SPCE Fronteiras, diálogos e transições na educação [...]. [S. l.: s. n.], 2016. p. 479-485. Disponível em: https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/6199/1/XIII_SPCE_2016_atas.pdf. Acesso em: 19 jun. 2023.

MELLO, Darlize Teixeira; BONIN, Iara Tatiana; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. MIGRAÇÕES E LITERATURA INFANTOJUVENIL: BREVE PERCURSO SOBRE OBRAS E LEITURAS. *Publicatio UEPG*, Ponta Grossa, v. 26, n. 1, p. 33-50, jan./abr. 2018. DOI 10.5212. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/sociais>. Acesso em: 19 jun. 2023.

MORGADO, María Margarida. As diferenças que nos unem: literatura infantil e interculturalidade. *Álabe*, Castelo Branco, n. 1, 2010.

MYERS, Lindsay. What Do We Tell the Children?: War in the Work of Roberto Innocenti. **Bookbird: A Journal of International Children's Literature**, New Britain, v. 47, n. 4, p. 32, out. 2009.

NORUEGA aumenta controles na fronteira com a Suécia, diz ministro. *AFP*, [s. l.], 6 jul. 2011. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/07/noruega-aumenta-controles-na-fronteira-com-a-suecia.html>. Acesso em: 24 jun. 2023.

NOVA lei de imigração na Espanha facilita deportações e pune ajuda a ilegais. *BBC Brasil*, [s. l.], 30 jun. 2011. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/06/nova-lei-de-imigracao-na-espanha-facilita-deportacoes-e-pune-ajuda-a-ilegais.html>. Acesso em: 24 jun. 2023.

PEREIRA, Sara. **As crianças, a guerra e os meios de comunicação**. *SPRC*, [s. l.], 2003. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1822/4397>. Acesso em: 8 jun. 2023.

PRESSE, France. No festival de Berlim, filme trata da imigração turca na Alemanha. *G1*, [s. l.], 12 fev. 2011. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2011/02/turcos-ou-alemaes-berlinal-ve-filme-sobre-a-situacao-dos-imigrantes.html>. Acesso em: 24 jun. 2023.

PRODUCTS: The Journey by Francesca Sanna. In: *Rhymes for little minds*. [S. l.], 2023. Disponível em: <https://www.rhymesforlittleminds.com/products/the-journey-by-francesca-sanna-1>. Acesso em: 19 jun. 2023.

PROTESTOS contra imigrantes levam milhares a ruas da Europa. *AFP*, [s. l.], 6 fev. 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/02/protestos-contra-imigrantes-levam-milhares-ruas-da-europa.html>. Acesso em: 24 jun. 2023.

REINO Unido diz que vai construir muro em Calais para conter imigrantes. *Reuters*, [s. l.], 7 set. 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/09/reino-unido-diz-que-vai-construir-muro-em-calais-para-conter-imigrantes.html>. Acesso em: 24 jun. 2023.

ROSSETTO, Luciana. Haitianos chegam ao Brasil com sonho de conseguir emprego. G1, São Paulo, 21 jan. 2011. Disponível em: <https://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/01/haitianos-chegam-ao-brasil-com-sonho-de-conseguir-emprego.html>. Acesso em: 23 jun. 2023.

SILVA, ALINE MONFREDINI. Migrar: Ancestralidades e Infância Reflexões sobre os livros para infância e situações de deslocamento forçado. Orientador: Cristiane Rogerio. 2021. 21 p. Trabalho de conclusão (Pós-Graduação em O Livro para Infância: Textos, Imagens e Materialidades) - Faculdade Conectada (FACONNECT), São Paulo, 2021.

SILVA, Sidney. A FRONTEIRA NORTE DO BRASIL: NOTAS DE PESQUISA. In: BAENINGER, Rosana; CANALES, Alejandro (coord.). **Migrações fronteiriças**. Campinas: Núcleo de Estudos de População "Elza Berquó" - Nepo, 2018. cap. PARTE III - MIGRACÕES FRONTEIRIÇAS FRONTEIRA NORTE DO BRASIL, p. 300-303. ISBN 978-85-88258-47-1. Disponível em: https://brazil.iom.int/sites/g/files/tmzbd11496/files/documents/mig_fronteiricas.pdf. Acesso em: 9 jun. 2023.

ŠUBRTOVÁ, Milena. When Children Die In War: Death in War Literature for Children and Youth. **Bookbird: A Journal of International Children's Literature**, New Britain, v. 47, n. 4, p. 1-8, out. 2009.

TAN, Shaun. THE ARRIVAL. In: Shaun Tan. [S. l.], 2006. Disponível em: <https://www.shauntan.net/arrival-book>. Acesso em: 10 jun. 2023.

THE JOURNEY. Francesca Sanna, 2014. Disponível em: <https://francescasanna.com/portfolio/the-journey-2/>. Acesso em: 10 jun. 2023.

THE TERROR of war. Associated Press, 8 jun. 1972. fotografia.

UE deveria criar barreira na Grécia contra imigrantes, diz premiê húngaro. Reuters, [s. l.], 8 jan. 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/01/ue-deveria-criar-barreira-na-grecia-contr-imigrantes-diz-premie-hungaro.html>. Acesso em: 24 jun. 2023.

VELASCO, Clara; MANTOVANI, Flávia. Em 10 anos, número de imigrantes aumenta 160% no Brasil, diz PF. G1, São Paulo, 25 jun. 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/06/em-10-anos-numero-de-imigrantes-aumenta-160-no-brasil-diz-pf.html>. Acesso em: 24 jun. 2023.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br